

vado a cabo en la Unión Soviética, en Suiza, en Inglaterra”; ni “el tratamiento hormonal que le permitió al final de sus años pasar del lampiño que había sido siempre al barbudo de los últimos tiempos” (169), ni los rumores que persiguieron a Cortázar desde que trabajaba en Chivilcoy sobre “una enfermedad que le impedía madurar físicamente, una deficiencia genética que lo hacía crecer sin límites”, según anota Emilio Fernández Cicco en *El secreto de Cortázar* (Buenos Aires: Belgrano, 1999).

En suma, me parece que, a pesar de todo, Goloboff se acerca más a la biografía moderna que se caracteriza, según André Maurois, por la búsqueda apasionada de la verdad. Además, me parece que Herráez olvida a veces que para un biógrafo el centro está ocupado por la persona cuya vida quiere contarnos y que “los acontecimientos deben girar a su alrededor”, pues en algún momento se pone a darnos clases de historia contemporánea y se olvida de Cortázar.

Juan José Barrientos
Universidad Veracruzana, Jalapa

Antonio Cornejo Polar. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 325p.

Através de uma bem cuidada edição da Universidade Federal de Minas Gerais, chega, pela primeira vez, ao público brasileiro especializado parte da obra deste estudioso peruano que, no acertado dizer de Mario J. Valdés, organizador do volume, “é um dos quatro ou cinco pensadores chave para o desenvolvimento de uma nova conceituação da história literária da América Latina”. Dispensando qualquer apresentação no mundo dos estudos literários hispano-americanos, o nome de Antonio Cornejo Polar é, todavia, praticamente desconhecido entre a maioria daqueles que no Brasil se dedicam aos assuntos da literatura nacional.

Fato infelizmente revelador da enorme distância que de ordinário se estabelece entre a prática do estudioso brasileiro e a produção intelectual –teórica e crítica– que de há muito marca com matizes próprios a trajetória dos estudos literários latino-americanos. Assim, é coisa surpreendente a extraordinária capacidade de boa parte da intelectualidade brasileira para desconhecer sua pertença latino-americana, sua condição de indivíduos também inseridos nas entranhas do terceiro mundo, a despeito mesmo do lugar avantajado que, de fato, o país ocupa no concerto da economia mundial. De modo que no contexto da produção acadêmica nacional chama a atenção a maneira como esse homem de conhecimento sabe manter-se atento às últimas elaborações conceituais vindas dos principais centros metropolitanos, europeus ou norte-americanos, a rapidez com a qual a bem plantada estrutura editorial do país se apressa a nos ofertar, em traduções geralmente competentes, o mais inédito dessa produção e, na via contrária, a posição de indiferença que os dois setores costumam manter em se tratando dos conteúdos formalizados pelo pensamento teórico e crítico hispano-americano. O que constitui, diga-se de passagem, um instigante caso de observação, produto, sem dúvida, de certos imponderáveis históricos específicos desse contexto.

De modo que, a pesar de certos louváveis esforços, do passado e do presente, dedicados a estreitar uma parceria intelectual entre os de cá e os de lá, terá de se admitir que a empreitada ainda trafega por trilhas tortuosas que retardam algo que, por circunstâncias culturais concretas, deveria já constituir uma tradição intelectual: a do pensamento crítico latino-americano.

Inserida, pois, neste panorama, a iniciativa editorial da UFMG ao publicar *O condor voa* é um passo à frente no desenho daquilo que, quem sabe, possa vir a se concretizar como intercâmbio mais ativo e frutífero entre discursos entretidos basicamente no esclarecimento dos mesmos

problemas e assuntos, seja que eles digam respeito à multiplicidade dos registros literários, à incorporação de questões de gênero ou identidade, à dita “condição colonial”, ou à reavaliação de manifestações marginalizadas pelo cânone, aspectos todos inseridos no contexto da nossa diferenciada formação cultural. E é sobre temas como esses que os textos selecionados para integrar o presente volume constituem bibliografia imprescindível para todo aquele que se aventura na exploração de problemáticas tais, em âmbitos historicamente marcados pelas variadas formas da dependência cultural.

É de se ressaltar aqui não só o compêndio da seleção como sua expedita organização em blocos temáticos que, traçando um mapa cognitivo de assuntos, também orienta o leitor na apreensão da trajetória de desenvolvimento do pensamento crítico de Antonio Cornejo Polar. Assim, nos *Conceitos de fundação* reúnem-se alguns dos seus textos inaugurais, através dos quais o leitor poderá visualizar a constituição de um roteiro que parte do levantamento dos problemas mais pungentes que envolviam a atividade crítica do continente na década de 70, e cuja origem principal se encontra na natureza específica das produções estéticas com as que tem de lidar. Será nessa plataforma de sustentação que o leitor verá ancoradas as iniciais elaborações conceituais do estudioso, formalizando a base central do seu pensamento: *unidade, pluralidade, totalidade*. Como sabem os que acompanham esta reflexão crítica, a posta em relação dos conteúdos englobados nesses três termos constitui uma alternativa à visão cultural burguesa, oligárquica ou liberal, de homogeneização unitária, uma de cujas consequências imediatas será o questionamento do tradicional *corpus* com o qual o pensamento crítico tradicional constitui e define nossas literaturas. E é mérito do modo como os textos se apresentam organizados nesta primeira parte a percepção que os leitores poderão vir a ter da coerência de propostas que brotam da acurada observa-

ção de casos problemáticos específicos, mas que não por isso constituem espaços isolados a se fecharem em particularismos herméticos.

A lente com a qual Cornejo costumava olhar para as especificidades conseguia se abrir até seu limite máximo, de modo que é usual deparar nas suas abordagens com a implementação dessa extraordinária capacidade relacional através da qual, sem parafernália terminológica ou modismos rebuscados –no que lembra o brasileiro Antonio Candido–, um caso particular converte-se no fio condutor para alcançar latitudes maiores, como as que irão abrigar os espinhentos assuntos da historiografia literária e seus modelos de seleção e periodização, ou os que compreendem os sistemas literários não apenas como realizações estéticas, mas como categorias históricas. O passo está dado para que o leitor perceba, já nesta primeira parte, os caminhos diversificados pelos quais nestas terras se transita para chegar a constituição –*invenção*, prefere o autor– da identidade nacional, afirmada, como também se verá, de maneiras múltiplas, conforme o olhar do setor social que, através da prática literária, abraça o projeto.

É, pois, no trato de casos paradigmáticos, que abrangem exemplos da literatura colonial, das variantes indigenistas ou da literatura urbana, que o autor consegue levantar a dialética de uma arquitetura conceitual rigorosamente cimentada no respeito à integridade da obra em estudo, e que, como o leitor notará, constitui lição de probidade epistemológica a ser seguida por um exercício que como o nosso muitas vezes sucumbe à facilidade da translação mecânica de conceitos e teorias em voga. A leitura, então, da Segunda Parte –*Os textos paradigmáticos*– mostrará, no exame de autores como José Donoso, Manuel Scorza, Arguedas ou o Inca Garcilaso de la Vega, a preocupação que norteou o fazer intelectual deste crítico, ocupado na exploração das questões problemáticas, do teor dos impasses que a literatura latino-americana apresenta, e que se exa-

minados à luz exclusiva das diretrizes do cânone hegemônico podem apenas parecer meros epifenômenos ou manifestações de segunda ordem.

Assim, pois, nunca perde de vista Cornejo Polar a condição principal da nossa formação cultural, no início seu estatuto colonial, enfim, sua obrigada dependência dos centros metropolitanos. Tem aqui o autor, no enalço de uma tradição de pensamento próprio na qual o também peruano Mariátegui vai ocupar lugar de destaque, o mérito de reconhecer, sem recalques, essa situação que tantas vezes nos humilha para, penetrando-a, detectar nela as origens problemáticas e conflituosas do que temos de mais específico, particular e não poucas vezes original. Postura crítica que se desenvolve quando o entusiasmo pela moda da aceitação dos *multiculturalismos* ou do fenômeno *pós-colonial* não davam ainda entre nós o ar da sua graça.

E será mais uma vez na atenta observação dos produtos culturais do continente que o crítico vislumbre o que, de traço constitutivo de uma determinada materialidade, passa a revelar-se na sua trajetória intelectual não só como um dos seus principais encaminhamentos epistemológicos, mas também bandeira ética e política do seu labor: o conceito de *heterogeneidade*. Aqui sintetiza-se um evento raro, quando um recurso da ordem conceitual, abrindo possibilidades de compreensão de um dado fenômeno, cumpre também funções de reivindicação social ao considerar como representativos da produção cultural nacional os objetos simbólicos provenientes dos estratos subalternos, socialmente marginalizados. No caso particular das reflexões cornejianas é o que se formaliza com o chamamento à integração no sistema literário do registro oral, e tudo que ele carrega, próprio das culturas indígenas.

De modo que na terceira seção, *O Indigenismo*, o leitor encontrará um dos textos fundamentais para o entendimento da proposta do peruano: a qualidade heterogênea da nossa literatura. E não é demais relembrar

aqui o já dito, a maneira como o autor consegue iluminar a compreensão de um contexto mais abrangente através da consideração de um caso particular. De forma que não pense o leitor não especialmente interessado no indigenismo que os textos aí referidos se restrinjam à especificidade do assunto, pois neles encontrará a demonstração analítica que referencia a pertinência do conceito de *heterogeneidade*, que vem dar cartão de cidadania para aqueles casos que se estabelecem justamente no cruzamento desarmonioso de duas culturas, essas visões e realizações que por desajustar as pretensões universalistas dos padrões da cultura letrada, branca e classista são diligentemente escamoteadas do convívio do que se acredita seja a Cultura Nacional. Imagem mistificatória que durante um longo período desenhava a face dos nossos sistemas literários.

Na recente tradição crítica hispano-americana, a categoria de *heterogeneidade* vem estabelecer um diálogo intenso com essa outra de *transculturação* formulada por Ángel Rama, o que às vezes tem levado certos críticos a apontar, à hora de relacionar os dois conteúdos, certas fraquezas ou limitações na última. Mas o próprio Cornejo, em várias oportunidades e sobretudo num texto de 1994 (*Mestizaje, transculturación, heterogeneidad*), prefere estabelecer diferenças complementares e não antagônicas, localizando o conceito de Rama e sua visão sintética como recurso teórico valioso para o entendimento do funcionamento de um espaço específico, formalizado quando o sistema hegemônico da cultura/literatura ilustrada recolhe e aproveita formas e tradições de estamentos subalternos ligados à ordem agrária e em vias de desaparecer pelo impacto modernizador, os resemantiza e assimila a sua própria tessitura textual, com o que, de alguma maneira, termina preservando-os em uma outra esfera cultural. Reserva, pois, Cornejo sua própria elaboração conceitual para situações culturais e discursivas que não realizam essa síntese mas que enfatizam as inter-

relações múltiplas, ressaltando assim conflitos e alteridades.

O interesse recai, então, em assinalar as formas de coexistência dentro de um mesmo espaço sócio-cultural de elementos de distinta filiação. E como aqui nada se fecha na conciliação sintética, não é raro este exercício hermenêutico terminar se topando com a incandescente personificação de profundas desigualdades sociais reveladas pela manifestação em estudo. Por isso, junto ao conceito de *heterogeneidade*, Cornejo mantém a categoria de *totalidade* como horizonte epistemológico de seu sistema heurístico e como mediação teórica entre a imagem unitária, que nos chega como produto ideológico hegemônico, e a pluralidade de existências culturais detectadas de forma empírica. Desse modo, a categoria é concebida fora do velho marco lukácsiano, essencialista e homogeneizador, e enfatizada como substrato histórico carregado de contraditoriedade e de conflito.

A esta altura, o leitor brasileiro poderá estar percebendo como a perspectiva e seus aportes teóricos são capazes de auxiliar na compreensão daqueles discursos subalternos —emergentes ou residuais— presentes no seu contexto literário, sendo inclusive válidos também para um tipo de expressão que cada vez mais vem chamando sua atenção: a literatura africana de língua portuguesa. Sem esquecer que permanece no bojo da questão a irrecusável redefinição do que entre nós se configura como literatura nacional.

A partir daqui pode-se esperar que o leitor esteja entusiasmaticamente instalado na última parte do livro, reservada justamente à *heterogeneidade* e que reúne três relevantes textos da década de noventa, a mostrar o tipo de problemática que ocupou os últimos anos de reflexão do autor. Do inspirado estudo que parte do dramático encontro entre Atahualpa e o padre Vicente Valverde —que desencadearia a captura e assassinato do Inca— para percorrer os caminhos pedregosos de constituição de um sujeito cuja identidade, repartida entre

dois registros antagônicos —a voz e a letra—, parece depender da dessestabilização da identidade do outro, até a configuração do que o crítico postula como sendo um sujeito *migrante*, o leitor assistirá à evolução dessa categoria que se no início é destacada como a condição principal da literatura no continente agora também se abre para caracterizar um sujeito e sua identidade, também estes heterogêneos.

Como o leitor se aperceberá, a descoberta desse sujeito e sua conceitualização aparecem como momento ápice do desenvolvimento deste percurso crítico, o resultado coerente de uma perquirição iniciada com a categoria de *heterogeneidade*, rastreada desde as primeiras pisadas do invasor até a nossa contemporaneidade. O sujeito *migrante* chega assim até nós como produto de uma situação de constante deslocamento, que o marca com a transitoriedade e a efemeridade de uma experiência instável a partir da qual, contudo, enfrentará os sobressaltos de sua sobrevivência diária. Cornejo Polar desenha uma imagem clara dos modos culturais desse sujeito, que longe de desvanecer as diferenças e os conflitos dos variados registros pelos quais é obrigado a transitar, irá acentuá-los. O leitor é enfrentado assim a um comportamento social e cultural inacessível, como o mesmo autor afirma, pela explicação dialética. Se com isso a figura *migrante* e suas formas culturais aparecem indômitas aos enquadramentos do mais famigerado dos esquemas de explicação formulado pelo pensamento europeu, posteriormente convertido também em paradigma de perfeição estética, a atitude do crítico, longe de escamotear a complexidade desses elementos com veredictos de incoerência, pobreza expressiva ou irrelevância cultural, é igualmente rebelde na sua recusa de aceder ao prestígio fácil da universalidade de teorias consagradas, mas pacificadas pela harmonia e uniformidade de uma única maneira de conceber e aceitar o homem e sua cultura.

Por isso, sua busca de significa-

dos continuará na tentativa de caminhar à par do problema que enfrenta, e num gesto de extrema justiça intelectual irá resgatar o procedimento de um recurso discursivo que na ordem hierárquica da retórica não ocupa o lugar de preeminência. Valendo-se de outras investigações, Cornejo vê na implementação metonímica o parceiro da construção migrante, seja que esta se radique nas variadas *performances* ou no plano propriamente discursivo desse sujeito. E será nos interstícios da operação metonímica que, na opinião do autor, esse sujeito deslocado encontra “os lugares desiguais, a partir dos quais sabe que pode falar, porque são os lugares de suas experiências”. Operando assim por contiguidade e não por similaridade essa fala e essas experiências assumem-se contrárias ao afã sincrético e dialético.

Com o artigo de fechamento do presente volume o leitor tem então a oportunidade de visualizar o ponto de chegada de um percurso que ainda se alongaria não fosse pelo prematuro voo do autor para alturas incommensuráveis. Concomitantemente, fica nas suas mãos uma categoria dúctil que transcende os limites tradicionais do entendimento literário como puramente estético, ou dizendo de outro modo, uma categoria que por transitar por espaços culturais mais amplos nos mostra que esse estético pode não ser apenas um, homogêneo e harmonioso, mas aparecer veiculado em formas variadas, heterogêneas e contraditórias, dilaceradas. Formas que se coadunam com o imaginário do ser social que as produz. E esse entendimento conclama, na prática de Antonio Cornejo Polar, uma gestão não apenas intelectual como política e sobretudo ética.

Tomara que a partir deste valioso aporte da editora da UFMG o leitor brasileiro permita que as reflexões deste condor voem alto no céu da nossa crítica, e que com isso, quem sabe, possamos começar a estreitar o diálogo com os de *Ía*, ao final tão semelhantes, por variados,

heterogêneos e contraditórios, aos de cá.

Teresa Cabañas M.
Universidade Federal
de Santa Maria

Juan Zevallos Aguilar. *Kloaka. 20 años después. MK (1982-1984): Cultura juvenil urbana de la postmodernidad periférica*. Lima: Editorial Ojo de Agua, 2002. 114 páginas.

En el vasto proceso de la literatura peruana han surgido grupos culturales que han jugado un papel determinado en sus respectivos contextos y épocas. De ellos, los que ya forman parte del registro historiográfico son los siguientes: el Grupo Norte (en el que militara César Vallejo), Colónida (con Abraham Valdelomar de portavoz), Amauta (liderado por José Carlos Mariátegui), La Sierra (el cual agrupara a Luis E. Valcárcel y a José Uriel García, entre otros), así como el grupo Orkopata (cuyo máximo exponente es Arturo Peralta, más conocido como Gamaliel Churata) que estuvieron muy activos en las tres primeras décadas del siglo veinte.

Otras tantas agrupaciones aparecieron en el Perú en el último medio siglo, con propuestas, signos y actividades tan diversos que cada uno de ellos exige un estudio específico. Tenemos así al grupo Jueves que, en la década del 60, experimentó la influencia de los poetas ingleses Ezra Pound y T. S. Eliot; el grupo Primero de Mayo que propugnó una poesía militante al ritmo de las gestas del proletariado. En la década del 70 se encuentran el grupo Narración, con una filiación política radical y una praxis literaria encomiable, el grupo Hora Zero, de elevado tono cuestionador y parricida, el grupo La Sagrada Familia que fue un espacio de encuentro más reposado y menos disonante, así como otras tantas agrupaciones que sintieron la responsabilidad de un quehacer ge-